

Cláudia Sofia Monsanto dos Santos*

A imagem fantasma em Alberto Caeiro**

Resumo

O objetivo principal deste ensaio é refletir sobre o papel da sensação na poesia de Alberto Caeiro. Caeiro é um sensacionista puro, que olha as coisas como elas são, não se permitindo ter pensamentos, sentimentos ou estados mentais, além das sensações que seus próprios sentidos provocam. Pretendo, neste ensaio, pensar na sensação de Caeiro como uma imagem fantasma.

Palavras-chave: *sensacionismo, imagem fantasma, sensação, percepção.*

Abstract

The main purpose of this essay is to reflect on the role of sensation in Alberto Caeiro's poetry. Caeiro is pure sensacionist, who looks at things as they are, not allowing himself to have thoughts, feelings or states of mind, beyond the sensations that his own senses provoke. I intend, in this essay, to think of Caeiro's sensation as a phantom image.

Keywords: *sensacionism, phantom image, sensation, perception.*

Este ensaio tem como propósito articular os conceitos de imagem fantasma e sensação com a obra poética de Alberto Caeiro, procurando, assim, responder à seguinte questão: será a sensação uma espécie de imagem fantasma na poesia de Alberto Caeiro?

As principais fontes bibliográficas escolhidas para fundamentar este ensaio foram o *Devir-Eu de Fernando Pessoa* de José Gil, *A Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty e *O que vemos, o que nos olha* de Georges Didi-Huberman, através das quais procurei defender que a sensação é imagem fantasma na poesia de Caeiro, pois aponta uma falta de sintonia entre a realidade e a imagem.

A forma de comunicar de Caeiro é tão peculiar e única, que parece criar uma consciência soberana quando, ao mesmo tempo, a trespassa com uma seta de invisibilidade presente dentro de si, se bem que esta nasça e morra num infinito comum ao poeta e ao seu leitor. Todavia, é este infinito comum, não entendível pelo nosso esquema mental, pois provoca uma *inquietante estranheza*, que nos transfigura.

* Mestranda do 2º Ciclo – Mestrado de Filosofia Contemporânea, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no ano lectivo de 2017/2019. Estudante nº 201710631

** Este ensaio foi redigido segundo as normas de *A Filosofia* da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito da UC de Estética e Artes do segundo semestre do curso anteriormente mencionado.

Desloca-nos do que é habitualmente o nosso tempo, espaço e identidade, criando uma estranheza em relação a nós mesmos, já que nos transporta para uma dimensão desconhecida em nós, a nossa vulnerabilidade. Este movimento, este desalojar de si mesmo, acontece por meio de formas que sobrevivem, já que o que vemos numa imagem nunca coincide com uma realidade ou uma coisa. A imagem pressupõe uma abertura ao que não se vê, o nada que nos olha e nos obriga a ver de outro modo.

O ensaio consiste na fundamentação pormenorizada do problema a investigar, onde procuro definir os conceitos de sensação, de sensacionismo e de imagem fantasma, recorrendo a Fernando Pessoa Ortónimo, Merleau-Ponty e, pontualmente, a Didi-Huberman. Estes conceitos são, posteriormente, articulados entre si com o intuito de definir as premissas, no qual este ensaio se fundamenta, e os argumentos que clarificam até que ponto a sensação é imagem fantasma em Alberto Caeiro.

O termo imagem aponta, no seu registo semântico, para duas possibilidades: a *imagem como testemunha*, como forma visível ou figura; a *imagem fantasma*, com conteúdo imaginário, de ficção e de simulação. A *imagem como testemunha* tem a sua consistência no real, uma vez que a imagem é a forma que corresponde à realidade, estando ligada à configuração da noção de ilusão.

A *imagem fantasma* é uma entidade da visão sem relação directa com o real. A sua consistência é a actividade intelectual, pois está ligada à imaginação. Aqui, a imagem funciona como um anti-esquema, porque a imagem trespassa o visível, impossibilitando o entendimento da imagem pelo esquema da nossa capacidade de compreensão e conhecimento de uma determinada realidade. A *imagem fantasma* aponta uma falta de sintonia entre a imagem e a realidade, pois afirma uma impossibilidade de a imagem corresponder de forma total e transparente com a realidade.

Esta ideia de olhar para a poesia como uma imagem surge do acto de ver, pois as palavras formam instantes visuais que comunicam com quem as olha, para além da significação linguística. Segundo Didi-Huberman, «*dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu acto, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Entre aquele que olha e aquilo que é olhado*¹». Por outras palavras, a experiência visual causa inquietação e abre um vazio, que por si nos inquieta.

¹ DIDI-HUBERMAN, Georges *O que vemos, o que nos olha*, Ed. 34, São Paulo 1998, pp. 77

Fernando Pessoa² mergulha no vazio e dele faz emergir vozes, movimento, sensações; do vazio flui a vida presente em cada Eu. Todavia, este Eu é «*um plano em que pode surgir qualquer mundo, qualquer realidade, brotando num fluxo intensivo*³». Este plano, «*onde tudo pode começar a existir*⁴», é um espaço onde coexistem passado, presente e futuro e «*onde brotam as sensações e as ideias, as coisas e as acções mais heteróclitas, mais aparentemente sem nexos – mas que formam um mundo*⁵».

Este mundo não depende da nossa análise, pois «*O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele*⁶». Tal como Pessoa, Merleau-Ponty entende que «*O mundo não é um objecto do qual possuo comigo a lei da constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas*⁷». O que pretende dizer com isto é que a consciência do mundo consiste numa vida que ainda não passou pelo escopo da reflexão, pois «*Buscar a essência do mundo* (...) «*é buscar aquilo que de facto ele é para nós antes de qualquer tematização*⁸».

A criação artística é um gesto de ligação com este mundo, uma forma de compreensão em aberto com o mundo, é uma forma em formação, acarretando em si, a cada instante, os tempos passados e os tempos ainda por vir. Este presente é uma intensificação do sentir e do sentido. «*O sentir é esta comunicação vital com o mundo que a torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida*⁹», já que o mundo se encontra aberto a vários Eu empíricos, se bem que ganhe sentido quando esses Eu se encontram numa unidade, sem necessidade de a dividir em vários seres – Merleau-Ponty defende que o mundo único, «*que é o de uma natureza aberta a uma pluralidade de sujeitos pensantes*¹⁰», não é por si um ser; é sim, uma unidade que se «*encontra em um eu transcendental*¹¹».

A pluralidade de sujeitos pensantes de Merleau-Ponty aparece na heteronímia pessoana. Fernando Pessoa cria o seu mestre¹² a 8 de Março de 1914, como uma partida a Sá-

² Aqui pretendo referir-me a Fernando Pessoa ortónimo e heterónimos.

³ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D'Água Editores 2010, pp. 23

⁴ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D'Água Editores 2010, pp. 23

⁵ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D'Água Editores 2010, pp. 23

⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia da Percepção*, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo 2015, pp. 5

⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 6

⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 13

⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 84

¹⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 96

¹¹ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 96

¹² «*Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre*» - PESSOA, Fernando “*Carta a Adolfo Casais Monteiro*” in <http://arquivopessoa.net/textos/3007>

Carneiro. Imprime em Alberto Caeiro todo o seu «*poder de despersonalização dramática*¹³». Este heterónimo dá origem aos outros dois principais heterónimos¹⁴ do poeta. *O Guardador de Rebanhos* foi o poema com que Alberto Caeiro se manifestou em Pessoa.

Alberto Caeiro possui uma ligação directa à Natureza, na qual vê o que há de mais importante na vida. A simplicidade com que mostra esta importância leva à perplexidade. «*Caeiro realmente espanta e realmente respira novidade absoluta*¹⁵», sendo esta o motivo da nossa perturbação visual. A sua grande originalidade assenta na simplicidade com que se desapega do pensamento e se entrega às sensações, quando «*vê as coisas apenas com os olhos, não com a mente*¹⁶». E é esta a singularidade da sua poesia que inquieta o leitor, pois, como o próprio Fernando Pessoa disse, «*A única coisa que uma pedra lhe diz é que nada tem para lhe dizer. Pode-se conceber um estado de espírito parecido com este, mas não pode conceber-se num poeta. Esta maneira de olhar para uma pedra pode ser definida como a maneira totalmente não-poética de a olhar*¹⁷». E, mesmo assim, Alberto Caeiro faz poesia partindo da ausência de sentimento. É um sensacionista puro. Substitui o sentimento pela sensação, usando-a como inspiração e como expressão, ou seja, «*Caeiro é o sensacionista puro e absoluto que se prostra ante as sensações qua exterior e nada mais admite*¹⁸».

No entender de Alberto Caeiro, a sensação é o todo, nada mais há para além disso, pois como disse em “*O guardador de rebanhos*”:

*«Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.¹⁹»*

¹³ PESSOA, Fernando “*Carta a Adolfo Casais Monteiro*” in <http://arquivopessoa.net/textos/3007>

¹⁴ Ricardo Reis e Álvaro Campos criados como discípulos de Alberto Caeiro.

¹⁵ PESSOA, Fernando “*Com quem se pode comparar Caeiro?*” in <http://arquivopessoa.net/textos/458>

¹⁶ PESSOA, Fernando “*Com quem se pode comparar Caeiro?*” in <http://arquivopessoa.net/textos/458>

¹⁷ PESSOA, Fernando “*Com quem se pode comparar Caeiro?*” in <http://arquivopessoa.net/textos/458>

¹⁸ PESSOA, Fernando “*Com quem se pode comparar Caeiro?*” in <http://arquivopessoa.net/textos/458>

¹⁹ CAEIRO, Alberto “*Sou um guardador de rebanhos*” in SANTOS, José da Cruz (Org.) *Alberto Caeiro Poemas escolhidos*, Portugália Editora, Lisboa 2008, pp. 25

Caeiro entende que a sensação deve ser isenta de pensamento, de sentimento ou qualquer outro estado de espírito. No mesmo poema diz «*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la*²⁰», sem que isso provoque um pensamento ou um sentimento, sem qualquer significação, mesmo quando diz «*E comer um fruto é saber-lhe o sentido*²¹». Sentido aqui aponta ao paladar e não ao significado que poderá ter o acto de comer um fruto. Esta é a sua disciplina: sentir as coisas tais como são. A sua ética é a simplicidade. A sensação simples, se bem que complexa na sua génese, leva Caeiro a perder de vista, como Fernando Pessoa diz, «*a natureza na natureza*²²», «*a sensação na sensação*²³», «*as coisas nas coisas*²⁴».

A sensação é o princípio fundamental do sensacionismo, movimento literário que parte do primado filosófico e estético segundo o qual «*a única realidade da vida é a sensação*²⁵». O sensacionismo tem como princípios a) todo o objecto ser uma sensação nossa, b) toda a arte ser uma conversão duma sensação em objecto e c) toda a arte ser uma conversão duma sensação numa outra sensação. A arte vê as relações entre os elementos basilares da sensação²⁶ através do sujeito.

O sensacionismo subentende três tipos de sensações: (1) as *sensações aparentemente vindas do exterior*; (2) as *sensações aparentemente vindas do interior*; (3) as *sensações resultantes do trabalho mental – as sensações do abstracto*. Desta feita, o sensacionismo defende que o propósito da arte é a organização das sensações do abstracto. Por outras palavras, «*a arte é uma tentativa de criar uma realidade inteiramente diferente daquela que as sensações aparentemente do exterior e as sensações aparentemente do interior nos sugerem*²⁷».

Posto isto, o sensacionismo defende que a abstracção criadora (*abstracção em movimento*) é o assunto da arte, se bem que esta tenha, mesmo assim, que «*obedecer a*

²⁰ CAEIRO, Alberto “*Sou um guardador de rebanhos*” in SANTOS, José da Cruz..., op. cit., pp. 25

²¹ CAEIRO, Alberto “*Sou um guardador de rebanhos*” in SANTOS, José da Cruz..., op. cit., pp. 25

²² PESSOA, Fernando “*Com quem se pode comparar Caeiro?*” in <http://arquivopessoa.net/textos/458>

²³ PESSOA, Fernando “*Com quem se pode comparar Caeiro?*” in <http://arquivopessoa.net/textos/458>

²⁴ PESSOA, Fernando “*Com quem se pode comparar Caeiro?*” in <http://arquivopessoa.net/textos/458>

²⁵ PESSOA, Fernando “*Todos os fenómenos se passam no espaço*”, in <http://arquivopessoa.net/textos/3777>

²⁶ «a) *Os dois elementos basilares da sensação são o sujeito e o objecto. b) Os elementos reais da sensação são: a Consciência, o Sujeito e o Objecto. Sinto, sinto tal coisa, e sinto que sinto. c) Decompondo mais: os elementos actuais da sensação são: o universo; o objecto; a sensação imediata do objecto; a atitude mental por detrás d’essa sensação imediata; a consciência por detrás d’essa atitude mental.*» - PESSOA, Fernando “*O Sensacionismo: (b)*” in <http://arquivopessoa.net/1616>

²⁷ PESSOA, Fernando “*O sensacionismo afirma, primeiro, o princípio da primordialidade da sensação...*” in <http://arquivopessoa.net/textos/4125>

*condições da Realidade (...) obedecer a condições de Emoção*²⁸», ou seja, deve criar tendo por base o que as sensações exteriores e interiores produzem, que «*A sensação é nitidamente do exterior mas, ao mesmo tempo, esse sentimento (ou sensação) do exterior, do físico, é sempre acompanhada por uma obscura consciência do interior, do psíquico*²⁹». Assim, a arte reúne a Abstracção, a Realidade e a Emoção, se bem que deve «*tomar consciência de si como sendo a concretização abstracta da emoção*», ou seja, «*a concretização emotiva da abstracção*³⁰».

O sensacionismo defende assim que a sensação é a base de toda a arte. Fernando Pessoa entendia que a emoção artística consistia na *sensação intelectualizada*. A sensação, «*puramente tal*³¹», passa assim por dois processos: (1) a consciência da sensação, dá-lhe um cunho estético; (2) a consciência dessa consciência da sensação, confere-lhe o poder de expressão. Por outras palavras, a intelectualização da sensação³² subentende a decomposição da mesma, uma vez que toda a sensação é complexa, visto ser composta pela sensação do objecto sentido, pela recordação de objectos análogos e outros que inevitável e espontaneamente se juntam a essa sensação, pela vaga sensação do estado de alma em que tal sensação se sente e pela sensação primitiva da personalidade da pessoa que sente³³.

Por fim, o sensacionismo é o desligar da razão, é o ligar aos sentidos, pois o sensacionismo visa a não compreensão do universo, ou seja, «*a realidade é a incompreensibilidade das coisas. Compreendê-las é não compreendê-las*³⁴». No entender de Fernando Pessoa, «*sentir é criar*³⁵», ou seja, «*sentir é pensar sem ideias e por isso sentir é compreender, visto que o Universo não tem ideias*³⁶». Por outras palavras, «*nada existe fora das nossas sensações*³⁷», uma vez que «*os sentidos são divinos porque são a nossa relação com o Universo, e a nossa relação com o Universo*

²⁸ PESSOA, Fernando “*O sensacionismo*”, op. cit., <http://arquivopessoa.net/textos/4125>

²⁹ PESSOA, Fernando “*O Sensacionismo (Prolegómena)*” in <http://arquivopessoa.net/textos/4051>

³⁰ PESSOA, Fernando “*O sensacionismo*”, op. cit., <http://arquivopessoa.net/textos/4125>

³¹ PESSOA, Fernando “*A base de toda a arte é a sensação*” in <http://arquivopessoa.net/textos/4134>

³² Uma sensação intelectualizada pode surgir como «*a) uma sensação decomposta pela análise instintiva ou dirigida, nos seus elementos componentes; b) uma sensação a que se acrescenta conscientemente qualquer outro elemento que nela, mesmo indistintamente, não existe; c) uma sensação que de propósito se falseia para dela tirar um efeito definido, que nela não existe primitivamente*» - PESSOA, Fernando “*A base de toda a arte é a sensação*” in <http://arquivopessoa.net/textos/4134>

³³ PESSOA, Fernando “*A base de toda a arte é a sensação*” in <http://arquivopessoa.net/textos/4134>

³⁴ PESSOA, Fernando “*A sensação como realidade essencial*” in <http://arquivopessoa.net/textos/1599>

³⁵ PESSOA, Fernando “*Para Orpheu – Sentir é criar*” in <http://arquivopessoa.net/textos/1709>

³⁶ PESSOA, Fernando “*Para Orpheu – Sentir é criar*” in <http://arquivopessoa.net/textos/1709>

³⁷ PESSOA, Fernando “*Para Orpheu – Sentir é criar*” in <http://arquivopessoa.net/textos/1709>

*Deus*³⁸», sendo este o caminho para partilhar o sensível ao despertar nos outros a capacidade para «*sentir o que se sente*³⁹».

A arte gera, assim, sensações, afectos, intensidades, tensionalidades, formas e é através destas que propõe problemas e partilha o sensível, uma vez que o gesto da criação parte de uma forma de entendimento sensível do próprio mundo. O poema *O meu olhar é nítido como um girassol*, de Alberto Caeiro, é exemplo disso, pois inspira ao nascer e morrer a cada instante, pois

*«O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...⁴⁰»*

Num desconstruir e reconstruir quem somos pelos sentidos, por tudo o que os sentidos nos permitem compreender do visível que aparece.

*«Creio no Mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de
acordo...*

³⁸ PESSOA, Fernando “*Para Orpheu – Sentir é criar*” in <http://arquivopessoa.net/textos/1709>

³⁹ PESSOA, Fernando “*Para Orpheu – Sentir é criar*” in <http://arquivopessoa.net/textos/1709>

⁴⁰ PESSOA, Fernando “*O meu olhar é nítido como um girassol*” in <http://arquivopessoa.net/textos/1463>

*Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que
ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...*

*Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...⁴¹»*

Para Pessoa, a arte consiste mesmo «em fazer os outros sentir o que nós sentimos, em os libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação⁴²», ou seja, Fernando Pessoa aponta assim o movimento de errância para fora de si como forma de mergulho no vazio que tanto o inquieta. Defende mesmo que a literatura é um meio de ignorar a vida, uma vez que se vê obrigado a sair de si para sentir; precisa de deslocar-se da identidade que reconhece, para aceder a uma unidade fora de si e, dessa forma, encontrar-se numa dimensão até aí desconhecida de si mesmo. Pessoa imprime, assim, uma constante extrapolação de si, através do *ser-eu* no *ser-outros*, uma vez que entende o acto criativo como tendo a finalidade de potenciar a auto-consciência⁴³.

Para atingir a arte de consciência, Pessoa observa o funcionamento das próprias sensações, demonstrando a necessidade de *decompor a sensação* para aumentar a auto-consciência e, desta forma, partilhar o sensível que o atravessa, rejeitando na sensação «o que é puramente pessoal, aproveitando nela o que, sem deixar de ser individual, é todavia susceptível de generalidade, portanto, compreensível, não direi já pela

⁴¹ PESSOA, Fernando “O meu olhar é nítido como um girassol” in <http://arquivopessoa.net/textos/1463>

⁴² NEVES DA SILVA, Paulo *Citações e Pensamentos de Fernando Pessoa* Casa das Letras, Alfragide 2011, pp. 16

⁴³ Recordando «Toda a sociedade está dentro de mim» (1) ou «quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo» (2), podemos perceber as múltiplas *personas* de Pessoa como forma de tomar consciência de si mesmo. Os heterónimos eram experiências psico-criativas para se procurar e encontrar dentro das confusas impressões que tinha de si mesmo. Pessoa entendeu o pensamento estético como um processo de abstracção – uma abstracção que é por si só auto-observação, formação de conceitos e ideias. (1) NEVES DA SILVA, Paulo *Citações e Pensamentos...*, op. cit., pp. 147; (2) PESSOA, Fernando “Não sei quem sou, que alma tenho” in <http://arquivopessoa.net/4194>.

*inteligência, mas ao menos pela sensibilidade dos outros*⁴⁴», tal como faz com mestria Alberto Caeiro no poema *A espantosa realidade das coisas*, quando diz que

*«Basta existir para se ser completo.
Tenho escrito bastantes poemas.
Hei-de escrever muitos mais, naturalmente.
Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada coisa que há é uma maneira de
dizer isto.»*⁴⁵»

Tal rejeição imprime uma natureza especial que subjuga o leitor através de «*uma relação pessoal, quase real*⁴⁶», «*de tal maneira que a própria leitura se transforma, participando numa série de estranhos fenómenos que atravessam o leitor*⁴⁷». Por outras palavras, Fernando Pessoa subverte e inverte o processo habitual da leitura, que se transforma em eco, provocando um efeito contrário de «*uma explosão de sons, uma agudização de tons, uma intensificação do ritmo*⁴⁸».

José Gil recorre mesmo às palavras de Fernando Pessoa para explicar a ideia de subjugação e de uma estética não-aristotélica, em que o poeta diz basear-se «*na sensibilidade, porque é a sensibilidade que é particular e pessoal, e é com o que é particular e pessoal em nós que dominamos, porque, se não fosse assim, dominar seria perder sensibilidade, ou, em outras palavras, ser dominado; e baseia-se na unidade espontânea e orgânica, natural, que pode ser sentida ou não sentida, mas que nunca pode ser vista ou visível, porque não está ali para se ver*⁴⁹». Esta subjugação, no entender de Gil, ocorre por osmose, em vez de ser por identificação ou simbiose, porque «*A poesia de Fernando Pessoa subjuga, pois capta o leitor e fá-lo entrar numa relação osmótica com um certo sujeito – digamos, provisória e vagamente, com o autor, sujeito da escrita*⁵⁰». A relação osmótica para a qual o leitor é sugado parece ter uma

⁴⁴ NEVES DA SILVA, Paulo *Citações ...*, op. cit., pp. 78

⁴⁵ CAEIRO, Alberto “*A espantosa realidade das coisas*” in SANTOS, José da Cruz (Org.) *Alberto Caeiro Poemas escolhidos*, Portugália Editora, Lisboa 2008, pp. 11

⁴⁶ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D’Água Editores 2010, pp. 10

⁴⁷ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D’Água Editores 2010, pp. 10

⁴⁸ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D’Água Editores 2010, pp. 15

⁴⁹ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D’Água Editores 2010, pp. 12

⁵⁰ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D’Água Editores 2010, pp. 14

correspondência directa com a sua tendência para a *despersonalização* e para a *simulação*; «*Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo*⁵¹».

Esta ideia de se manifestar em si é coerente com o conceito de sensação defendido por Merleau-Ponty. Inicialmente, o filósofo admite que poderia entender a sensação apenas como «*a maneira pela qual sou afectado e a experiência de um estado de mim mesmo*⁵²», no entanto, começa por distinguir a sensação pura, que define como «*a experiência de um “choque” indiferenciado, instantâneo e pontual*⁵³», da sensação complexa, que vem a definir mais tarde como «*a mais simples das percepções*⁵⁴». No seguimento da reflexão sobre a essência da percepção, Merleau-Ponty insiste na existência de outros tipos de sensações, apontando certas sensações como «*estados ou maneiras de ser do sujeito e que, a esse título, são verdadeiras coisas mentais*⁵⁵», sendo o sujeito perceptivo o lugar delas. Logo, a percepção apresenta-se «*como uma re-criação ou uma re-constituição do mundo*⁵⁶». Curiosamente, uma das ideias mais fortes que fica de *A Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty assenta no pressuposto que a sensação é consciente e pertence ao intelecto, no entanto o autor entende que «*O sujeito da percepção permanecerá ignorado enquanto não soubermos evitar a alternativa entre o naturante e o naturado, entre a sensação enquanto estado de consciência e enquanto consciência de um estado, entre a existência em si e a existência para si*⁵⁷».

Esta ideia da sensação como consciência ou da consciência como sensação pode criar alguma estranheza, no entanto se pensarmos que só vemos o sol, porque temos em nós essa capacidade de ver cor, de ver luz, de ver formas, assim como temos a capacidade de compreender as palavras para poder desfrutar de uma obra literária, talvez seja possível entender o que pretende dizer. Aqui Merleau-Ponty aponta a sensação não como «*uma invasão do sensível naquele que sente*⁵⁸», e sim o sensível como «*apenas*

⁵¹ GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D'Água Editores 2010, pp. 15

⁵² MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 23

⁵³ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 23

⁵⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 324

⁵⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 278

⁵⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 279

⁵⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 281

⁵⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 288

*uma solicitação vaga*⁵⁹». Por isso, «*Toda a sensação comporta um germe de sonho ou de despersonalização*⁶⁰», pois não sou eu que percebo, o sensível é que se percebe em mim, pois a sensação necessita que o meu corpo se adapte para acontecer. Esta situação provoca sensações que não sei se são minhas, pois «*não tenho mais consciência de ser o verdadeiro sujeito de minha sensação do que de meu nascimento ou de minha morte*⁶¹», como acontece no poema *O quê? Valho mais do que uma flor*, de Alberto Caeiro:

*«O quê? Valho mais que uma flor
Porque ela não sabe que tem cor e eu sei,
Porque ela não sabe que tem perfume e eu sei,
Porque ela não tem consciência de mim e eu tenho
consciência dela?
Mas o que tem uma coisa com a outra
Para que seja superior ou inferior a ela?
Sim tenho consciência da planta e ela não a tem de mim.
Mas se a forma da consciência é ter consciência, que há
nisso?
A planta, se falasse, podia dizer-me: E o teu perfume?
Podia dizer-me: Tu tens consciência porque ter
consciência é uma qualidade humana
E só não tenho uma porque sou flor senão seria homem.
Tenho perfume e tu não tens, porque sou flor...
Mas para que me comparo com uma flor, se eu sou eu
E a flor é a flor?
Ah, não comparemos coisa nenhuma, olhemos.
Deixemos análises, metáforas, símiles.
Comparar uma coisa com outra é esquecer essa coisa.
Nenhuma coisa lembra outra se repararmos para ela.
Cada coisa só lembra o que é
E só é o que nada mais é.
Separa-a de todas as outras o facto de que é ela.*

⁵⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 288

⁶⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 290

⁶¹ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 290

(Tudo é nada sem outra coisa que não é).⁶²»

Em suma, o que Merleau-Ponty pretende defender sobre a sensação é que é um instante consciente, se bem que não do ser do qual somos responsáveis, mas de «*um outro Eu que já tomou partido pelo mundo, que já se abriu a alguns de seus aspectos e sincronizou-se a eles*⁶³». Esta sincronia pré-pessoal pode explicar o subjugar da obra de Fernando Pessoa, uma vez que a forma peculiar como Fernando Pessoa escreve quase cria um momento em que o leitor experimenta a sensação como Merleau-Ponty descreve: «*Entre minha sensação e mim há sempre a espessura de um saber originário que impede minha experiência de ser clara para si mesma*⁶⁴», porque «*Experimento a sensação como modalidade de uma existência geral, já consagrada a um mundo físico, e que crepita através de mim sem que eu seja seu autor*⁶⁵».

Esta sincronia pré-pessoal aponta, também, a sensação como *imagem fantasma* na poesia de Alberto Caeiro, uma vez que «*as palavras levam a esperar sensações, assim como a tarde leva a esperar a noite*⁶⁶» e «*a significação do percebido é apenas uma constelação de imagens que começam a reaparecer sem razão*⁶⁷», ou seja, as palavras são aqui o percebido transmutado em imagens que surgem do nada invisível do saber originário – «*as imagens ou as sensações mais simples são, em última análise, tudo o que existe para se compreender nas palavras*⁶⁸», porque «*o nosso campo perceptivo é feito de “coisas” e de “vazios entre as coisas”*⁶⁹», mostrando, assim, que «*na leitura de um texto a rapidez do olhar torna lacunares as impressões retinianas, e que os dados sensíveis devem portanto ser completados por uma projecção de recordações*⁷⁰». O que pretende aqui dizer é que o sensível está envolto num caos ao qual se impõe um sentido pelo recurso às recordações colocadas em forma de dados.

Alberto Caeiro, no poema *Ao entardecer, debruçado pela janela*, mergulha na natureza, uma natureza que é vivida pelos sentidos, pois a natureza pensa-se sentindo.

⁶² PESSOA, Fernando “*O quê? Valho mais do que uma flor*” in <http://arquivopessoa.net/textos/2655>

⁶³ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 291

⁶⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 291

⁶⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 291

⁶⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 38

⁶⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 38

⁶⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 38

⁶⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 38

⁷⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 43

*Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente.
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.*

*Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas coisas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai
andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...*

*Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...⁷¹»*

A natureza não é para aprisionar no pensamento; isso mata a Natureza, que é visível apenas aos sentidos. Se se pensar a natureza com a mente, e não com os sentidos, ela esvai-se por entre a tristeza de não compreender algo que já foi compreendido pelos sentidos. O sentido encontra-se na fonte. «*O sentido de uma obra literária é menos feito pelo sentido comum das palavras do que contribui para modifica-lo. Há portanto, tanto naquele que escuta ou lê como naquele que fala e escreve, um pensamento na fala que o intelectualismo não suspeita*⁷²». Por este motivo, Merleau-Ponty entende que é «*preciso reconhecer como irreduzível o movimento pelo qual me empresto ao espectáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido*⁷³».

⁷¹ PESSOA, Fernando “Ao entardecer, debruçado pela janela” in <http://arquivopessoa.net/textos/1469>

⁷² MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 244

⁷³ MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia...*, op. cit., pp. 252

A poesia de Alberto Caeiro expõe uma concepção de percepção como experiência directa do mundo, valorizando as sensações – em especial, o olhar – que aparecem desprovidas de significações. Para o poeta, «*Pensar incomoda como andar à chuva*⁷⁴» | «*Quando o vento cresce e parece que chove mais*⁷⁵», pois qualquer pensamento ou sentimento sobre o mundo, sobre as coisas, sobre as experiências sensoriais que acontecem «*é fechar os olhos*». Nas palavras de Alberto Caeiro lemos uma descrição da Natureza, vemos uma imagem construída com palavras sobre a Natureza visível, pois:

*«Quem está ao Sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o Sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o Sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do Sol vale mais que os
Pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do Sol não o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.»*⁷⁶

E será que vemos apenas isso?

As palavras de Alberto Caeiro trespassam-nos com uma simplicidade inquietante e, dessa forma, desvenda o desapego da razão, do julgamento e do pensamento. O mundo com que Caeiro cria é pensado pelos sentidos, repletos de estados meditativos que nos conectam a algo maior e exterior a nós, que se sente e não se vê, se bem que nos encaminhe para o mais profundo do nosso ser.

Parece, assim, criar uma imagem que não corresponde de forma total e transparente com a realidade. A imagem deixa de ser uma correspondência com a realidade e passa a ser uma paisagem daquilo que não se vê; ou seja, a imagem passa a ser o *studium*, no qual eu invisto a minha consciência, se bem que, perturbada por algo invisível (*punctum*),

⁷⁴ CAEIRO, Alberto “*Eu nunca guardei rebanhos*” in SANTOS, José da Cruz (Org.) *Alberto Caeiro Poemas escolhidos*, Portugália Editora, Lisboa 2008, pp. 11

⁷⁵ CAEIRO, Alberto “*Eu nunca guardei rebanhos*” in SANTOS, José da Cruz (Org.) *Alberto Caeiro Poemas escolhidos*, Portugália Editora, Lisboa 2008, pp. 11

⁷⁶ CAEIRO, Alberto “*Há metafísica bastante em não pensar em nada.*” in SANTOS, José da Cruz (Org.) *Alberto Caeiro Poemas escolhidos*, Portugália Editora, Lisboa 2008, pp. 14

sou obrigada a ver de outro modo. Assim, sou empurrada para a dimensão do sensível, que não pertence ao olho, se bem que seja o mundo, um mundo que surge como um abismo, como um vazio que convoca em mim um movimento de errância para fora de mim como forma de aceder ao que não se vê em mim.

Alberto Caeiro oferece-nos uma experiência do mundo que reconduz o sujeito ao contacto directo com os objectos e à significação originária das coisas na medida em que elas se apresentam à percepção – não quer por isso despertar o pensamento; pretende despertar a experiência do mundo e o modo como ele se apresenta às sensações. Caeiro abandona a razão e promove o conhecimento por via da percepção, das sensações. Estas sensações dialogam por via de uma simplicidade visual que causa um vazio que nos inquieta e move para fora de um mundo caos elaborado pela língua e o pensamento, que o poeta usa como forma de desconstrução desse mesmo mundo.

Bibliografia

- DIDI-HUBERMAN, Georges *O que vemos, o que nos olha*, Ed. 34, São Paulo 1998
- GIL, José *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, Relógio D'Água Editores 2010
- MERLEAU-PONTY, Maurice *Fenomenologia da Percepção*, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo 2015, pp. 5
- NEVES DA SILVA, Paulo *Citações e Pensamentos de Fernando Pessoa* Casa das Letras, Alfragide 2011
- SANTOS, José da Cruz (Org.) *Alberto Caeiro Poemas escolhidos*, Portugália Editora, Lisboa 2008

Sitografia

<http://arquivopessoa.net/textos/3007>